

DENÚNCIA

boletim do ceai - especial - 8 março

EDITORIAL

Surge agora o primeiro número de "DENÚNCIA", boletim do CEAI, que vem substituir o antigo "Pela Libertação dos Povos Oprimidos".

E surge agora por duas razões: em primeiro lugar, surge no dia internacional da Mulher, como apoio à luta das mulheres de todo o Mundo pela sua emancipação. Este é, pois, um número exclusivamente dedicado a apoiar a iniciativa hoje levada a cabo pelo Grupo da Mulher da AAC.

Em segundo lugar, surge por necessidade de renovação da actividade do CEAI enquanto secção cultural da AAC. É que como secção que somos, não nos podemos limitar a uma intervenção esporádica à base de pequenas-grandes campanhas ou concícios. É necessário cada vez mais planificar uma intervenção cultural nesta Academia, que seja capaz de mobilizar a atenção dos estudantes e de dinamizar a vida da Associação. E esta necessidade não é apenas sentida por nós, mas também por todas as secções e organismos associativos, e em todas as Associações do país. Com este primeiro número, pretendemos dar a nossa contribuição para essa renovação que urge fazer.

Como objectivos, propono-nos, para já, editar o mais regularmente possível este boletim, onde tentaremos fazer uma análise da situação internacional, a nível global ou regional (a situação no Médio Oriente ou no Sudoeste Asiático, por exemplo). Tentaremos também editar outros textos culturais tratando dos mais variados temas paralelamente ao boletim (difusão da cultura de outros povos, textos de estudos, etc.).

E, claro, para além disto, manteremos as formas de intervenção "clássicas", tais como autocolantes, colóquios e campanhas, como modo de fazer as pessoas participarem mais activamente no nosso trabalho.

Resta-nos agora desejar a nós próprios as melhores felicidades para o trabalho e dizer-te que, se quizeres, podes vir colaborar con-nosco. Estamos todos os dias úteis das 17.30 às 19 horas na sala 2.ª da AAC, a menos que surja algum imprevisto. E às vezes até podemos estar cá a outras horas. Experimenta. Aparece quando quizeres.

A Direcção do CEAI

UM DIA NA VIDA DE UM CASAL BANAL (ou a miséria de um dia que se repete todos os dias...)

7 h. ELA	ELE
7 h. Levanta-se, sem fazer barulho para não o acordar, vai à casa de banho a correr, acorda os miúdos, veste-os, dá-lhes de comer.	Fica a dormir.
8 h. Acorda-o, prepara-lhe o pequeno almoço, sai a correr para apanhar o autocarro.	Levanta-se, resmunga porque a água não está quente, veste-se, resmunga porque o café está frio, mete-se no automóvel e vai até ao café em frente ao escritório conversar com os colegas.
9 h. Começa a trabalhar, fazendo o mesmo de todos os dias, mecânicamente, enquanto ouve as bocas dos colegas.	Ainda a discutir o jogo do Benfica, chega ao escritório e começa a trabalhar sem interesse. De vez em quando vai mandando umas bocas às colegas, e discute sobre a situação política (Isto está uma merda, este governo só sabe pagar indemnizações aos capitalistas, etc.).
12h. Almoça a correr no café da esquina (uma sandes e um copo de leite) e vai ao supermercado comprar o jantar e o mais que é preciso em casa.	Vai almoçar com os colegas à tasca da esquina, sem pressas e come um bom bife. Depois vai ao café tomar a bica-bagaço, antes de entrar ao serviço.
14h. Reentra ao trabalho, no mesmo ambiente opressivo. A meio da tarde telefona para o infanteiro para saber se os miúdos estão ao bem, se precisam de alguma coisa.	Volta ao escritório, conversa com os colegas, e vai contando umas anedotas enquanto trabalha.
19h. Sai do emprego, vai para a bicha do autocarro. No aperto da hora de ponta, chega a casa mais morta que viva. Arruma o que os miúdos sujaram (será que a mulher a dias vem amanhã?) e faz o jantar, para que esteja pronto quando ele chegar, põe a mesa.	Sai do emprego, compra o jornal, passa pelo café, se lá encontrar algum conhecido dá dois dedos de conversa, vai para casa, senta-se a ler o jornal.
20h. Acaba o jantar à pressa, senta-se à mesa sem apetite, come por obrigação, descontrai-se um pouco, vê a telenovela.	Resmunga porque o jantar não está pronto, manda os miúdos calarem-se, liga a televisão: janta e vê a telenovela sem conversar.
21h. Vai para a cozinha lavar a louça, acaba de arrumar a casa e de passar a roupa a ferro. Se ainda tiver tempo, vê um bocão de televisão, deita os filhos e vai-se deitar.	Vai ao café ter com os amigos. Depois vai a um bar, ou para casa de alguém tomar umas bebidas e jogar uma sueca.
1 h. Acorda sobressaltada quando ele se deita, e submete-se-lhe sem prazer nenhum, apenas para que aquião acabe mais depressa para, enfim, descansar.	Chega a casa, deita-se, resmunga porque se chateou com os outros tipos, chega-se para ela.

(continua na página seguinte)

2 h. Estafada, sem forças, ajeita a almofada para dormir enquanto deita contas à vida, e põe na no que há-de fazer para o jantar do dia seguinte; enfim... pensa que virá um dia em que tudo será diferente...

Satisfeito consigo próprio, indiferente a tudo o que se passa ao seu lado, dorme em paz e sossego, esquecendo problemas que lhe poderiam causar insónias.

Vida (?) de uma mulher

ORIGEM

Algures num ponto do globo terrestre, à hora X, nasceram 2 gémeos: um rapaz e uma rapariga. Mãe e filhos-encontram-se bem, os dois dormem descansadamente, o rapaz vestido de azul, a menina de cor de rosa.

2º ANIVERSÁRIO

No dia do seu 2º aniversário, os pais ofereceram ao rapazinho uma metralhadora, e à rapariga uma boneca que dia marca. O rapazinho engraçou com a boneca, mas o pai, com medo que o filho não venha a ser um homem "como deve ser", pegou na metralhadora, apontou para a miúda, e ensinou-o a dizer "pum, pum".

5º ANIVERSÁRIO

Férias, praia, calor sufocante, o rapazito completamente nu brinca descontroladamente na água. A sua irmã usa umas calcinhas cor de rosa porque é indecoroso as meninas andarem nuas!!!

10º ANIVERSÁRIO

Domingo.

O nosso rapazito, que pode muito bem chamar-se Jorge, levantou-se e foi brincar com os amigos. Maria, a menina, ficou a ajudar a mãe; fez as camas e depois das refeições limpou a louça.

13º ANIVERSÁRIO

O rapaz continua a crescer normalmente, faz o que todos os rapazes da sua idade fazem: gosta de livros de aventuras, de andar de bicicleta e de jogar futebol. A rapariga descobre pela primeira vez que é mulher, e aprende-o de uma forma deprimente. A primeira menstruação dá-lhe a conhecer que tem um útero, que todos os meses sangra, onde se geram os filhos. A mãe ensinou-a a ter cuidado com os rapazes.

16º ANIVERSÁRIO

O Jorge, que até aqui gra rapaz, quer ser homem, e começa a comportar-se como tal. Já não liga tanto à irmã, sai à noite para ir ao café ou ao cinema, arranjou uma namorada e até tira uma passa num cigarro de vez em quando.

Maria também gosta de ir ao cinema, também gosta de ir ao café à noite, e também sente necessidade de ter um namorado...mas não pode. A sociedade, a igreja, a família, arranjam maneira de lhe proibir os seus desejos e impulsos, porque ela é uma mulher.

20º ANIVERSÁRIO

A mulher é, mais do que nunca; lançada no mundo dos homens. Tor-na-se num membro útil da sociedade, trabalha. Maria teve os mesmos estudos que seu irmão, no entanto não consegue empregar-se numa posição semelhante à dele. Desempenha as suas funções tão bem como os seus colegas, mas em ordenado inferior...e não há nada, nem sequer uma lei que a proteja disto.

Maria casa, torna-se companheira de um homem, reparte a sua vida com ele, mas, para ele, isto não é assim. Ele é o "chefe de família", ele é que manda. Maria dá-lhe os filhos que ele quer, trata-lhe da casa, da roupa, da comida, e ainda trabalha fora de casa. Educa os filhos, e não os educa como quer, porque a sociedade machista

(continua na última página)



narrativa

Nguyen Thi Khim

pescadora do Vietnam do Norte

Esta mãe de cinco crianças resceu de um família de pescadores pobres da aldeia de Kooninh, na província de Quang Binh. Aos oito anos, era um cesto de balde do braço, percorria as praias da sua aldeia à beira-mar, apendendo pequenas peixes para ganhar a vida. Aos treze anos perdeu o pai, que morreu de fome, deixando sete crianças nos cuidados da mulher, estendendo por um vida de trabalho e miséria.

A Revolução de Agosto de 1945 e a virulenta resistência anti-colonialista salvaram Khim e a sua família desta sorte lenta. Casada com um pescador, muito carinhoso e excelente trabalhador, Khim conheceu então a liberdade e a felicidade. Com o fruto de seu trabalho, a casal construiu um caso de tijolos. O filho mais velho, de treze anos, frequentava a escola da aldeia. De seis em seis meses, quando era feita a avaliação do trabalho de cada um, Khim e o marido, ambos chefes de equipa, eleitas trabalhadoras do elite, recebiam sempre prémios que cobriam as suas necessidades básicas: roupas, artigos pessoais, lençóis, toalhas, etc. Formavam um stock imenso para o casal e os seus cinco filhos.

Cinco anos atrás, em Kooninh, como em todas as aldeias de pescadores, reinava ainda o antigo costume. Enquanto o homem ia para o mar durante todo o dia, a mulher ficava em casa para cuidar das crianças. Comer e vestir, tratar da casa e agarrar o registo do marido. Depois era ela que ia ao mar para vender o peixe que ele trazia e fazer as compras para a família, mas

eram as mulheres que iam com os homens para o mar. Esta era uma delas. Mas as mulheres não podiam participar directamente na pesca. Os pescadores reservavam-lhes os trabalhos "próprios para mulheres": consertar as redes, ligar os barcos, preparar as refeições e transportar os peixes para a praia. Por estes trabalhos, consideradas pouco importantes, se bem que tão fatigantes como a pesca, só recebiam 5 pontos por dia de trabalho, metade do que recebiam os homens.

Um dia o comité de gestão decidiu aumentar a zona de pesca. As equipas pagarias a voltar só após alguns dias, no mesmo momento, ao mar. Khim e as outras mulheres, que tinham ouvido falar a tradição para reconstruir os seus barcos ao mar, viram-se assim obrigadas de o fazer, pelo menos as mães que tinham filhos pequenos.

"Só há uma solução: tomar uma equipa de mulheres e pedir barcos à parte" - afirmou Khim às suas companheiras. Estas protestaram: "Mas nós não sabemos nadar nem mergulhar, nem sequer ligar as redes! Que seria de nós em caso de tempestade?". Khim respondeu-lhes calmamente: "Aprenderemos o que não sabemos. Amanhã quero vir contigo!"

Pouco tempo depois, sob a direcção de Khim, estas mulheres aprenderam a ligar e a recolher as redes e a dirigir os barcos, a ligar as redes, a nadar e a mergulhar. O comité de gestão conseguiu organizar uma equipa de pescadoras e formou-lhes um barco. A sua primeira pesca rendeu à cooperativa um grande lote de peixe.

Acabou o trabalho, elas não desgrudavam os peixes e andavam à

bandeja, com o barco cheio, regressavam sempre antes das equipas masculinas. No início, com um único barco, a primeira equipa de pescadoras de Kooninh passou depois a ter três, e mais tarde seis barcos. Em 1964 ultrapassou o previsto nos planos de produção e fez o recorde de pesca do ano. Na altura de fazer a avaliação do trabalho, as equipas de homens confessaram-se vencidas. Khim foi admitida no Partido, toda a sua equipa recebeu recompensas de cooperativa e adoptou um novo nome: Minh Kari, o nome da primeira dirigente do movimento das mulheres vietnamitas.

No dia de 10 de 1965, como de costume, os habitantes de Kooninh prepararam-se para participar na festa de Plantação de árvores da província de Quang Binh. As mulheres de Kooninh partiram do grupo, pouco depois de meio-dia. O céu claro da primavera, o mar azul de um azul profundo, as árvores verdejantes... tudo constituía um belo cenário para o alegre grupo de mulheres, cada uma com um abraço de mãe em cada um dos seus. De súbito, um grupo de aviões americanos sobrevoo a costa de Kooninh, largando centenas de bombas. Elas correram para os abrigos mais próximos, outras apressaram-se a ir ajudar as unidades de defesa anti-aéreas.

Desde esse dia, os piratas americanos lançam mais descargas de bombas sobre as aldeias e os barcos desta pacífica costa. A equipa de pescadoras Minh Kari teve de enfrentar novas dificuldades. A maior parte dos seus membros não queria voltar ao mar, pois tinha saudades dos pescadores. No entanto, dis-

tinguam-se nitidamente as corações e as aviões-ingleses. Alguns afirmavam: "Temos de correr para viver, mas é uma parvoíce escolher um sítio tão perigoso para trabalhar!"

A célula do Partido teve várias reuniões para discutir a questão presente da produção e da sobrevivência da vida dos habitantes. Minh declarou: "Continuar a pescar não é apenas o problema de ganharmos a nossa vida. Se a nossa produção como traves dar as nossas contribuições para o Estado e para a libertação do Vietnã. Portanto, tomou-se uma decisão: "Mobilizar os habitantes para não abandonar o mar, assegurar a produção e toda a saúde". Os membros do Partido resolveram fazer uma pesquisa a título de experiência. No regresso, Minh viu-se rodeado pelas suas camaradas e equipis. "Aconteceu-vos alguma coisa?" - perguntaram. "Os aviões inimigos atacaram os nossos barcos?" Minh respondeu-lhes, sorridente: "Esses piratas vieram. Mas, como vêem, chegamos sãos e salvos!"

Todas as equipis de pesca, inclusive a Minh Khai, voltaram ao mar. Minh treinou as suas camaradas a mergulhar durante mais tempo. Cada uma levava na corda de 10 metros, atando uma ponta ao barco e prendendo na outra uma pedra, que lançava à água quando viaha o inimigo. Minh observando o voo dos aviões, dava o sinal quando eles se preparavam para atacar os barcos; as suas camaradas arrojavam as pedras e mergulhavam no mar. Com esta iniciativa de Minh, a equipa Minh Khai pôde escapar a quatro ataques inimigos.

Nas não faltaram os dias de combates sangrentos. O dia 6 de Agosto de 1965 foi um dia de boa pesca. Os barcos encheram-se rapidamente, permitindo um sobeiras de repouso. Alguns raparigos estenderam-se no fundo do barco, contemplando o céu, deixando-se embalar pelas ondas. Minh tentava-se à procura de surtos para despojar os aviões.

No repente, de um barco ao longe ele varou-se es sons de um tráfego. Alerta! "De pé, camaradas!" Era o sinal de promover estas palavras, quando começaram a ouvir-se as detonações das fogueiras. Os aviões começaram a elevar-se voos de fuga. Ao tomar da artilharia associava-se o traquear das empingardas da milícia popular, respondendo ao rugido selvagem dos aviões americanos. Os F105 invadiram-se como uma neblina de pólvora e despejaram-se no mar. De todos os barcos se elevaram gritos de alegria. De súbito, 3 jactos lançaram-se para o mar, disparando sobre os barcos. Um rugor grito para Minh:

"Recolhe as velas, não dá o cabo de nós!"

"Não" - respondeu Minh, - Olha para os outros barcos. Ninguém recolheu as velas. Será capitobal!"

A equipa Minh Khai atendeu-se rápido mente para o levo, evitando habilmente os seus ataques do inimigo. Os aviões americanos continuaram a voltar o mar. Minh deu ordem às suas camaradas para mergulharem. Tocando no barco contígua a água. As detonações de fumo com incansável a seguir. Minh lançou-se entre incendiadas, o sangue de Vietnamas inocentes, as telhadas molas dos aviões... Tudo isso pôde optar para de de momentos. Sem se dar conta de que, os dias em que, vestida com as calças de lã, que lhe pertenciam

à sua mãe, se juntava à fila de mulheres que realigavam um prato de sopa. Esses dias não podiam voltar jamais. As lágrimas subiram-lhe aos olhos, rolaram-lhe pelas faces. O seu gosto saía do despertar-lhe recordações que há muito esquecera. Enfiteitouse-se, resolta, no voo do rugido dos aviões americanos que cruzavam os ares em todas as direcções.

De súbito, viu ao longe um barco que flutuava ao sabor das ondas, com as velas despedaçadas. Pareceu-lhe ouvir os gritos.

"Subam! - gritou. - Há camaradas que estão feridos. Temos de socorrê-los!"

As mulheres subiram rapidamente para o barco e reuniram com todas as forças. Minh saltou para o barco atingido pelo inimigo, deparando com um espectáculo doloroso: o seu marido, lívido, estava caído no pé do mastro; junto dele, outro pescador mortalmente ferido. Minh caiu de joelhos ao pé do marido.

"Não é nada de grave - murmurou es-



te. - Não te preocupes comigo. Vai acudir aos outros camaradas."

Minh fez-lhe um gesto rápido, e correu para os outros pescadores dois mortos, seis feridos. Quando as ligaduras acabaram, rasgou o seu casaco para tratar de úrisas.

A equipa Minh Khai voltou rapidamente ao porto. Minh conduziu o barco dos feridos. Nos outros barcos que regressavam, carregados de peixe, choravam as perguntas. Ela limitava-se a responder: "Nada de grave, nada de grave."

Este bombardeamento americano tirou certo da habitante de Israelim, o velho Tan, e feriu muitas outras. Quando Minh chegou a casa, o seu mãe, gravemente ferida, desariu e teve de ser levada para o hospital. O marido, que fora levado para casa no barco, teve um acidente cerebral de febre. Minh deu-lhe os cuidados necessários, preparando-lhe a sopa. Minh não esqueceu os seus deveres

de chefe de equipa. Foi visitar cada um das suas camaradas, procurando levantar-lhes o moral.

Em Israelim, após o bombardeamento, o movimento era maior que o habitual. Lá paravam-se os telhados destruídos, não tinham-se as covas abertas pelas bombas. As pessoas paravam diante das casas incendiadas e olhavam-se sem dizer palavra. Minh foi procurar o secretário do Partido e disse-lhe: "Mobilizemos os habitantes para que transfiram o seu ódio numa força para combater o inimigo!"

No enterro do velho Tan, a voz do secretário do Partido ecoou em todos as corações: "A morte do avô Tan gravou nos nossos corações um ódio profundo contra os imperialistas americanos. O Partido apela para que todos saiam vingá-lo!"

No regresso, Minh e as suas camaradas ouviram uns soluços desesperados que vinham da casa da senhora Lu. Esta, casada há pouco tempo, chorava o seu primeiro filho, morto pelas bombas americanas. Tinha ficado gravemente ferido, e apesar de todos os cuidados dispensados, não tinham podido salvá-lo. O seu pai estava no exército...

Minh e as suas camaradas estavam lá, e ela perguntou-lhe:

"Amãh queria continuar a pescar?"

"Naturalmente!" - respondeu Minh.

Uma tarde, ao voltar do porto, Minh encontrou todos os membros do comité do Partido à sua espera. De joelhos Minh deu-lhe, beijando-o com um ar emocionado. Sentindo que tinha acontecido algo que coisa, ela pediu: "Vá a sua família. Não porem o que quer de fazer?"

"Tenho confiança em ti... O teu amor do mar... morreu com o herói..."

Minh teve de se aquiescer a uma camarada para se sentar.

O seu barco estava a 50 metros do porto. Preparava-se para regressar, quando o inimigo o atacou, com as foguetas.

Morto! Ele que era tão curioso que nunca tão tristemente a mulher e os filhos! Desde que ela fora promovida a chefe de equipa, ocupada com os assuntos do Partido e da cooperativa, ela esquecera-se por ajudá-la nos trabalhos domésticos. Quando chegava perto do porto, era ele que fazia o jantar e lavava as pequenas...

Minh ergueu-se lentamente.

"Tentarei meter-me calva... Terão confiança em mim!"

Entreu em casa. Os cinco filhos rodearam-na. A filha mais velha lançou-se-lhe nos braços, a chorar. Ela abraçou-lhe a cabeça e consolou-a: "Não chores mais... Partes-te o coração... Eu ca as tuas lágrimas! É preciso pensar em vingar o teu pai e a nossa aldeia!" Foi o jantar para os filhos. Depois foi visitar nos vizinhos cujo marido, camarada de equipa do seu, tinha sido morto pelo inimigo.

A equipa Minh Khai continua a partir para o mar todos os dias. A sua chefe, Minh, continua a dirigi-la. Ela é de uma idade, ela pensa nas suas obrigações para com o Estado e o Vietnã. Ela tem 35 anos. Ainda possui viver muitos anos. Ainda possui trabalhar. Ela vê os filhos crescerem e os antigos projectos. Ela cansou a morte do seu pai. Ela pensa, os imperialistas americanos mataram o seu marido. Os crimes de Israelim não foram que furtaram a sua vida e meteram a Minh furtada!"

VIDA (?) DE UMA MULHER (cont.)

a obriga a que ela, a explorada, seja a guardiã e transmissora dos valores dessa mesma sociedade...

40º ANIVERSÁRIO

A mulher começa a envelhecer e o seu corpo começa a deformar-se. Os filhos já se governam bem sósinhos, e ela começa a sentir-se terrivelmente só. O homem continua muito senhor do seu papel, entretido com a sua carreira, o seu desporto favorito, os seus vícios e muitas vezes as suas conquistas. Não se apercebe que a seu lado existe uma mulher que foi por ele destruída dia a dia...

A mulher faz o balanço da sua vida e vê realmente o que ela foi -exploração, nada! Revolta-se e deseja que tudo tivesse sido diferente. Mas o que há de fazer? A sua revolta é importante, mas ela fica vazia, com a sua solidão e a sua angustia...

ATÉ QUANDO?

Até quando irá o homem continuar a julgar-se o rei da criação? e a fazer da mulher um ser secundário moldado a seu bel prazer? Até quando irá a mulher, no campo, na fábrica, no escritório, em casa, na cama, continuar a ser um escorvo fácil e competente? Até quando irá a mulher continuar a ter os filhos que o homem quiser e quando quiser? Até quando irá a mulher continuar a ser uma pessoa que não pode usar o seu corpo para seu prazer e para satisfazer as suas necessidades e terá de continuar a ser objecto intocável até que se case? Até quando continuará a sociedade de consumo a aproveitar o corpo da mulher para melhor promoção das suas vendas?

ATÉ QUANDO CONTINUARÁ O HOMEM A USAR A SUA PREPOTÊNCIA E A FAZER DA MULHER UM SER EXPLORADO?

njr

#####

a propósito da notícia da doença de um poderoso estadista

Se este homem insubstituível
Franze o sobrolho
Dois reinos periclitam.
Se este homem insubstituível morre
O mundo inteiro treme
como a mãe sem leite
para o filho

Se este homem insubstituível
Ressuscitasse ao oitavo dia
não acharia em todo o império
uma vaga de porteiro!

B. Brecht

